

## LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Outubro/2010 - Vol. V

### O ENSINO DE LATIM NOS CURSOS DE LETRAS DAS FACULDADES PARTICULARES DE CAMPINAS E REGIÃO

Marina Miranda CARPANI

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Prata

**RESUMO:** O presente trabalho contempla breves discussões e considerações sobre o ensino de língua latina nos cursos de Letras de algumas instituições particulares de ensino de Campinas e região. O foco principal para o desenvolvimento do trabalho dar-se-á na reflexão das seguintes questões: por que se estudar latim ainda hoje e como se constitui o seu ensino?

**Palavras-chave:** Estudos Clássicos; metodologia de ensino de latim; Instituições de Ensino Superior; Diretrizes Curriculares; cultura clássica.

#### I. Introdução

Quando se discute ensino de latim atualmente, existe um ponto de vista já muito cristalizado em nossa sociedade, que é: latim como língua morta. Tal ponto de vista, formulado a partir do senso-comum, baseia-se na ideia de que o latim morreu, pois não é mais a língua natural de nenhum falante, nem mais falado em nenhum lugar do mundo e, por isso, não possui nenhuma relevância. Entretanto, consideramos o latim, e esse é o ponto crucial do trabalho, assim como muitos estudiosos da academia, uma língua que viveu e cresceu com o Império Romano, e que vive culturalmente no cotidiano de nossa sociedade ocidental atual, ou seja, uma língua viva.

O latim, transformado através do tempo e do espaço, longe de se ter finado, continua hoje a viver multiplicado e até enriquecido de uma dupla vida: - vida prolongada nos falares românicos hodiernos, e vida eternizada nas obras primas dos autores latinos. Língua de uma grande civilização que assimilou todas as civilizações anteriores, em seus textos ela revive e faz reviver essas mesmas civilizações que sintetizou. Sob este aspecto, o latim não é uma língua morta, mas uma língua clássica, e seu estudo, de um interesse sempre renovado, revelador de todos os tesouros da cultura antiga, é um fato de aperfeiçoamento da cultura contemporânea. (FARIA, 1959, p. 110)

Hoje, best-sellers, como o livro “Harry Potter”, por exemplo, são traduzidos para o latim, canais de televisão produzem séries milionárias retratando a história da civilização romana, além, é claro, das grandes produções de Hollywood realizadas nos últimos anos que comprovam a presença do legado da Antiguidade clássica em nossa sociedade<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Apesar de destacarmos essa realidade, é preciso esclarecer que tais fatos só reforçam a posição do latim na cultura ocidental: a de que ele sempre esteve presente.

Além disso, no meio acadêmico, a publicação de artigos sobre ensino de latim aumenta cada vez mais<sup>2</sup> e a demanda por esse ensino nunca foi tão evidente. Na região de Campinas, por exemplo, a faculdade referência para esse ensino é a Unicamp (que oferece um curso de latim com duração de 8 semestres), a qual tem enfrentado uma constante procura de alunos de outras faculdades (em sua maioria, particulares), segundo relatos dos próprios professores de latim da Instituição. Há ainda a pesquisa de Miotti (2006)<sup>3</sup> que nos mostra que tal demanda não é composta só por alunos dos cursos de Letras, como também de cursos de áreas diversas (Biologia, Medicina, Matemática, Engenharia, Economia etc.). Outro dado recente e interessante de se destacar foi a criação pelo Diretório Acadêmico da faculdade FACAMP, onde não há curso de Letras, de um projeto de extensão de ensino de latim.<sup>4</sup>

As informações e realidades destacadas acima motivaram o surgimento desse trabalho. O tratamento que o latim recebe hoje em nossa sociedade é algo relevante e questionador ao mesmo tempo. Por que se publicam tantos artigos? Por que há ainda investimentos em filmes, traduções e cursos que envolvem uma língua que não é mais falada? Por que há uma alta procura pelo aprendizado da língua latina nas universidades públicas? E nas faculdades particulares, como se constitui tal demanda e como se dá esse ensino?

Essas e outras questões remetem ao latim “do presente”, que vive atualmente em uma constante oposição entre decadência e fortalecimento. Explico melhor: há uma tendência, que se reflete também nesse contexto de cursos superiores de Letras de instituições privadas, em considerar que o latim não se adéqua mais às necessidades do mercado de trabalho atual. Podemos afirmar, portanto, que tal visão utilitarista e mercadológica de ensino é um reflexo da lógica capitalista que rege nossa sociedade nos dias de hoje. Por outro lado, há aqueles que ainda acreditam que o latim é um diferencial no sentido de remeter a um conhecimento mais erudito/literário da língua.

Partimos, então, de abordagens teóricas na área de metodologia e didática do latim, como os trabalhos de Faria (1959), Fortes (2008 e 2009), Lima (1995), Viaro (1999) e dos vários artigos organizados em livro por Valcarcél (1995). Trata-se de autores de diversos lugares, escrevendo em diferentes épocas e para contextos educacionais distintos, mas que possuem um ponto comum entre seus estudos acerca da(s) finalidade(s) do ensino de língua latina: todos concordam e assumem uma dimensão cultural (acesso à produção textual que nos foi legada pela Antiguidade clássica) como principal finalidade do ensino de latim. Tal perspectiva contribui para uma concepção de língua que parte do viés de um potencial formador não só linguístico, mas também e, principalmente, cultural.

A visão de latim como língua de cultura é essencial para a compreensão das finalidades do seu ensino atualmente. Bustamante (1995)<sup>5</sup> considera o latim, pensado para o contexto de cursos superiores, como uma disciplina humanística, por seu ensino estar necessariamente

---

<sup>2</sup> Citaremos e comentaremos esses textos mais adiante.

<sup>3</sup> MIOTTI, C. *Ensino de latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método Reading Latin: um estudo de caso*. 2006. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

<sup>4</sup> A análise dos dados colhidos nesse campo de pesquisa será realizada mais adiante.

<sup>5</sup> BUSTAMANTE. Perspectivas metodológicas para la enseñanza del Latín de la retórica clásica em el bachillerato. In: VALCARCÉL (Orgs) *Didáctica del Latín: actualización científico-pedagógica*. Madrid, Ed.Clásicas, 1995, p. 137-151.

vinculado à cultura da sociedade que utilizava tal língua. Segundo o autor, o esvaziamento dessa disciplina ocorre quando se perde essa dimensão cultural de seu ensino. Parafraseando Fortes (2009),<sup>6</sup> a relevância da língua latina se justifica pela cultura que ela representa e dá voz, ou seja, a cultura clássica, cujos textos ainda fundamentam boa parte da cultura ocidental e cuja gramática, por intermédio do latim vulgar, originou a língua portuguesa.

A partir das ideias brevemente discutidas dos autores aqui citados, faremos, a seguir, um breve retrato do histórico do ensino de latim no contexto educacional superior brasileiro. Dessa forma, com o objetivo de esboçar as reformas nos currículos dos cursos de Letras que ocorreram ao longo dos últimos anos, veremos quais leis educacionais já vigoraram e como tais mudanças refletiram na formação da atual Lei de Diretrizes e Bases para cursos superiores.<sup>7</sup>

## II. O ensino de latim no Brasil: um breve histórico

Na década de 60, quando o ensino de latim foi extinto das instituições escolares de 1º e 2º graus, Faria (*ibid*) já nos alertava sobre as maiores consequências dessa reforma para o contexto educacional brasileiro. Partindo de uma visão estabelecida entre a relação latim e cultura contemporânea, o autor eleva tal língua a uma das maiores heranças da civilização romana, afinal, só por causa da sua existência, temos, hoje, as línguas românicas. Portanto, por causa delas, o latim não ficou no passado remoto da Antiguidade clássica e, por isso, falamos também, hoje, de latim “no presente”.

Atualmente, como já dissemos, os cursos de graduação em Letras são os maiores responsáveis pelos estudos na área de língua e literatura clássica, com destaque para o latim, que deu origem a nosso idioma. A existência da sua, até então, obrigatoriedade, surgiu em 1962, quando havia os chamados currículos mínimos para cursos de educação superior.

O sistema de currículos mínimos vigorou por 34 anos e, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional /LDB extinguiu a obrigatoriedade do latim,<sup>8</sup> substituindo tal sistema pelas chamadas Diretrizes Curriculares Nacionais. Segundo Silva (2006), em sua tese de doutorado sobre Diretrizes Curriculares Nacionais e formação de professores, todos os cursos (bacharelados e licenciaturas) deveriam, a partir da extinção dos currículos mínimos, ter suas diretrizes curriculares específicas elaboradas e aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Congresso Nacional de Educação (CNE), a fim de garantir o princípio de flexibilização como forma de romper com a rigidez do antigo sistema.

---

<sup>6</sup> FORTES, Fábio da Silva. *Por que o latim? Apontamentos para uma pedagogia de língua latina na universidade*. Comunicação individual apresentada no XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Natal: UFRN/SBEC, 2009.

<sup>7</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CES 492/2001, de 9 de julho de 2001. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Letras, Ciências Sociais, Serviço Social, Comunicação Social, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2010. BRASIL. Ministério da Educação. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares para os cursos de Graduação. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12991](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991)>. Acesso em: 20 fev. 2010.

<sup>8</sup> Desde 1996, não só a obrigatoriedade do ensino de latim foi extinta, como a de qualquer outra disciplina nos cursos de graduação em Letras.

No entanto, até hoje os currículos mínimos para os cursos de graduação em Letras influenciam os projetos pedagógicos, “tal é a dificuldade de se pensar em uma organização curricular que não seja baseada em disciplinas” (PAIVA, 2005).

A seguir, seguem trechos do texto das Diretrizes Curriculares Nacionais (publicado no Diário Oficial da União em 9 de julho de 2001) para cursos superiores de Letras:

#### 1. Perfil dos Formandos

(...) Independentemente da modalidade escolhida, o profissional em Letras deve ter domínio do uso **da língua ou das línguas** que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades lingüísticas e culturais. (...) (*grifos nossos*)

#### 2. Competências e Habilidades

**O graduado em Letras, tanto em língua materna quanto em língua estrangeira clássica ou moderna**, nas modalidades de bacharelado e de licenciatura, deverá ser identificado por múltiplas competências e habilidades adquiridas durante sua formação acadêmica convencional, teórica e prática, ou fora dela. Nesse sentido, visando à formação de profissionais que demandem o domínio **da língua estudada e suas culturas** para atuar como professores, pesquisadores, críticos literários, tradutores, intérpretes, revisores de textos, roteiristas, secretários, assessores culturais, entre outras atividades, o curso de Letras deve contribuir para o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades. (*grifos nossos*)

Temos, então, para a legislação atual dos cursos de Letras não mais a determinação e especificação de disciplinas para o currículo. Como se vê, o texto apresenta e disserta sobre características de um currículo “ideal”, a fim de garantir uma formação qualificada e completa ao profissional da área. No item 2, “Competências e Habilidades”, vemos que é prevista a formação de profissionais, seja em língua materna, seja em uma língua estrangeira clássica ou moderna. Nessa afirmação, observamos nitidamente que o latim (bem como o grego) é considerado uma língua estrangeira, não estando em um diferente patamar quando comparada às línguas modernas. Fortes (2009, s. p.) destaca bem essa ideia:

O latim e sua cultura representam, necessariamente, uma língua estrangeira, diferente das outras apenas no que concerne à oralidade (não mais possível em latim clássico), mas cujo estatuto não lhe garante, por isso mesmo, uma posição “especial” ou “superior” no conjunto das disciplinas de língua.

Na discussão que Fortes nos apresenta, é importante destacar em que sentido podemos classificar o latim como uma língua estrangeira, ou seja, toma-se o latim como um idioma diferente daquele que se está considerando (no nosso caso, um idioma diferente do português), um idioma de uma outra nação.<sup>9</sup> Através dessa denominação apresentada por Fortes, evidencia-se também que tal visão vai contra a concepção que considera o latim uma língua mais difícil que as demais, o que lhe garante, conseqüentemente, um caráter artificial e de língua superior.

---

<sup>9</sup> O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (versão online) traz a seguinte acepção (5) para o verbete “estrangeiro”: idioma diferente daquele que se está considerando; idioma não vernáculo, idioma de outra nação.

Por outro lado, ao considerarmos a denominação “língua estrangeira” e partirmos da própria definição do verbete “estrangeiro”,<sup>10</sup> pode-se inferir, por exemplo, a significação daquilo que nós é “estranho”. Nesse sentido, tomar o latim como uma língua estrangeira, ou seja, uma língua de um país que não é nosso, soa um pouco contraditório, já que esta não é mais a língua de nenhum país (apenas formalmente uma das línguas oficiais do Estado da Cidade do Vaticano, o italiano é a língua *de facto*) e quando sabemos que foi a língua que deu origem ao nosso idioma.

Sendo assim, com o intuito de realizarmos um trabalho que dê conta não só das teorias que contribuem para se pensar o ensino de língua latina, bem como seu estatuto como língua e o lugar que o latim ocupa hodiernamente, faz-se de extrema importância aliar o conhecimento teórico à prática pedagógica em que o latim está inserido, especificamente, nos contextos educacionais brasileiros.

Dessa forma, além da fundamental pesquisa teórica, fez-se necessária a realização de uma pesquisa de campo em algumas faculdades particulares de ensino superior de Campinas e região.

### III. Apresentação das faculdades e dos questionários

A seleção desses locais iniciou-se no final do ano de 2009, quando procurávamos faculdades particulares que ofereciam disciplinas de latim em seus cursos de Letras. Todavia, um dos primeiros imprevistos que tivemos ao longo dessa busca foi a dificuldade de encontrarmos instituições que ofereciam o latim como disciplina curricular obrigatória, fato esse que julgamos ser uma das possíveis justificativas da mudança já mencionada nas Diretrizes Curriculares que não prevê a obrigatoriedade do latim e de nenhuma outra disciplina no currículo. Assim, tivemos que estender um pouco mais os limites de nossa pesquisa de campo.

Desse modo, consideramos tanto instituições que possuem disciplinas de latim em cursos de Letras, como as que não mais contemplam tal disciplina em seu currículo. Além disso, também aplicamos o questionário na FACAMP, que, embora não ofereça curso de Letras, propôs um curso de extensão em língua latina para alunos de outras áreas do conhecimento.

#### 1) Campos de pesquisa:

Visamos instituições que estão localizados na cidade de Campinas e região. Participam deste trabalho as seguintes instituições:

- Faculdade de Americana (FAM);
- Universidade Paulista (UNIP);
- Centro Regional de Espírito Santo do Pinhal (UniPinhal);
- Faculdades de Campinas (FACAMP).

---

<sup>10</sup> O dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (1948, v.1, p. 1165) traz, como uma das definições para o verbete “estrangeiro”, o seguinte significado: “*adj.* que é de outro país, relativamente aos naturais de uma nação”. Dessa forma, a denominação “língua estrangeira”, no que diz respeito ao latim, gera algumas implicações como, por exemplo, ao considerarmos uma língua de um outro país e não de uma civilização que nos legou sua cultura, literatura e língua, já que esta é a língua mãe de nosso idioma.

Com exceção da FACAMP, como já comentado, todas as demais oferecem graduação em Letras e têm (ou tiveram) em sua grade curricular obrigatória disciplinas de língua latina. Entretanto, apesar de todas estarem inseridas em um mesmo contexto educacional superior brasileiro, cabe ressaltar que cada uma delas possui sua particularidade no que diz respeito ao ensino de latim em seus cursos.

Em primeiro lugar, temos a FAM, que ofereceu dois semestres de Língua Latina (Língua Latina I e Língua Latina II) até o ano de 2010, com uma carga horária de duas horas-aula semanais cada. No entanto, tais disciplinas foram extintas, devido às reformas feitas neste ano no currículo do curso de Letras dessa instituição, o qual entrará em vigor em 2011. A partir de então, segundo a Coordenadora do curso, o ensino de latim, na matriz curricular, estará inserido na disciplina de Linguística Românica.

Semelhantemente ao que acontecia na FAM, na UNIP, até o ano de 2009, eram oferecidos dois semestres de disciplinas obrigatórias de latim (Língua Latina e Literatura Latina), com a mesma carga horária, duas horas-aula semanais cada. No entanto, segundo a professora que leciona tanto as aulas de latim da UNIP como as da FAM, na UNIP, um novo currículo entrou em vigor e, hoje, há apenas um semestre dedicado ao ensino de latim, na disciplina denominada Língua e Literatura Latina.

Como terceiro campo de pesquisa, temos a UniPinhal, onde o latim esteve como disciplina obrigatória durante 9 anos. No entanto, conforme informações da própria Coordenadora, neste ano de 2010, as disciplinas que eram ministradas ao longo de dois semestres foram retiradas da grade curricular, em razão da necessidade de inclusão da disciplina “Prática de Ensino de Linguagem Brasileira de Sinais - LIBRAS”.<sup>11</sup>

Por fim, os dados da faculdade FACAMP também tiveram destaque nessa pesquisa, principalmente pelo fato de o interesse de se estudar latim ter partido dos alunos do curso de Direito da faculdade. Assim, criou-se um curso de latim, como projeto de extensão, para atender tal demanda. O curso, que teve duração de dois meses (oito aulas com duração de 2 horas por semana), contou com a participação e envolvimento não só dos alunos de Direito, mas também alunos de Relações Internacionais e Economia.

## 2) Questionários:

A aplicação de questionários aos Coordenadores e Professores de Latim das Instituições acima citadas tem como objetivo verificar o funcionamento da disciplina de língua latina nos currículos dos campos de pesquisa selecionados e a metodologia de ensino utilizada pelos docentes. Em suma, o primeiro modelo esboçado tentou agregar aspectos que remetessem diretamente aos objetivos da pesquisa: finalidades e relevância do ensino de latim em um curso de Letras, metodologia de ensino/concepção de língua abordada pelos métodos utilizados, prática e formação docente, estruturação da(s) disciplina(s) no currículo, carga horária, interesse do corpo discente, importância do latim para o profissional de Letras.

---

<sup>11</sup> BRASIL. Decreto Federal 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a inserção da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como disciplina curricular obrigatória em todos os cursos de formação de professores. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm)>

No entanto, como já mencionamos anteriormente, cada campo de pesquisa tem sua particularidade. Portanto, a fim de dar conta dessas especificidades, o questionário inicial teve que ser adaptado para cada instituição.

#### IV. Breve análise dos dados:

Dada a brevidade do artigo, faremos apenas um esboço da análise dos dados coletados nos questionários, discutindo a resposta à pergunta 5 do questionário dos professores.<sup>12</sup> Partindo da abordagem teórica discutida anteriormente e considerando a forma como o ensino de latim está inserido nos currículos de Letras atualmente, não propomos análises que avaliam o mérito das respostas (ou seja, se são boas ou ruins), mas sim que almejam considerar a visão desses Professores e Coordenadores, e, por consequência, da Instituição, sobre o ensino de latim e suas finalidades e relevância para o curso de Letras.

5) Em relação às respostas e retornos dos alunos, o latim é/era uma matéria que gostam/gostavam, acham/achavam fácil/difícil? Há/Havia muita reprovação?

- *Resposta professora UNIP/FAM:*

“Em geral a maioria dos alunos considera a **disciplina de latim bastante difícil**, e a maior dificuldade para eles é compreender como funciona uma língua de caso, o que se deve, muitas vezes, **à falta de conhecimento e de reflexão sobre a sintaxe de sua própria língua nativa**. Uma vez “superada” essa dificuldade inicial (e eu friso as aspas), **o aproveitamento dos alunos é bastante razoável**. Além disso, podemos observar que **aqueles alunos que já têm um bom domínio do português e/ou certo conhecimento da chamada gramática tradicional apresentam um bom desempenho em relação ao latim**. Ademais, sempre é possível encontrar alunos que se interessam por aprender **algo que se apresenta como um desafio**, como ocorre com qualquer disciplina, acredito, e esses têm realmente um ótimo desempenho. Quanto **ao índice de reprovação, esse costuma ser baixo**, uma vez que aplico um sistema de avaliação baseado na participação e na dedicação do aluno durante o curso(...)” (*grifos nossos*)

- *Resposta professor UniPinhal:*

“**Era uma disciplina tranquila, em relação às demais**. Acredito que os alunos gostavam justamente por isso. **Achavam, de maneira geral, interessante por oferecer uma compreensão das origens da língua portuguesa e também das origens das palavras**. Lembro-me de quando fomos no Museu da Língua Portuguesa e **ficaram encantados ao perceberem que aquilo que tínhamos aprendido durante o curso estava estampado em um dos recintos do museu**, onde era apresentada as origens da nossa língua. **Para os alunos o grande problema não era o latim, mas sim a dificuldade em fazer a análise sintática**. Quando aprendiam a análise sintática, se divertiam traduzindo algumas frases.” (*grifos nossos*)

---

<sup>12</sup> A análise completa dos dados consta em minha monografia de final de curso, cujo título é o mesmo deste artigo



Como se observa, as respostas dos dois professores apresentam pontos divergentes no que diz respeito às visões que os alunos possuem sobre a disciplina de latim. Enquanto para a professora, o latim é considerado muito difícil pelos alunos, o professor acredita que os alunos consideravam o latim uma disciplina tranquila, interessante e divertida.

O professor da UniPinhal comenta ainda o interesse dos alunos pela filiação do português ao latim, i.e., pela questão das origens etimológicas das palavras portuguesas. Como se observa, ele menciona uma situação de convívio com seus alunos como exemplo disso, em que ele mesmo percebeu como os alunos relacionavam aquilo que aprendiam a outros contextos.

Por outro lado, ambos ressaltam a importância do conhecimento da gramática do português (ou mesmo de gramática normativa em geral, como comenta a professora) para o bom desempenho na disciplina, ao dizerem que aqueles alunos que possuem um bom conhecimento da gramática tradicional portuguesa sempre apresentam um melhor aproveitamento nas aulas de língua latina.

Em relação ao tópico “reprovação na disciplina”, exposto na pergunta, embora o professor não deixe isso evidente em sua resposta como a professora, que falou diretamente sobre isso, é possível perceber que em ambos os contextos educacionais, o latim não era a disciplina que mais preocupava os alunos, nem aquela com maiores índices de reprovação comparada às outras.

Pretendemos, assim, por meio desses breves comentários, exemplificar os dados colhidos, bem como as análises que desenvolvemos em nossa monografia.

## **V. Considerações Finais**

Como se observa, este trabalho propõe uma breve discussão e reflexão acerca daquilo que os autores mencionados ao longo de nossa Introdução escreveram sobre didática e metodologia de ensino de latim, transpondo as questões por eles levantadas para nosso pouco explorado, em relação ao ensino de latim, contexto educacional superior privado. Numa tentativa de compreender os diferentes pontos de vista existentes nessas Instituições e, conseqüentemente, observar os diversos objetivos das aulas de latim para futuros licenciados em Letras, a importância dessa pesquisa se concretiza ao considerar que o ensino dessa língua deveria se manter vivo pela sua finalidade cultural, característica fundamental para o ensino dessa e de qualquer outra língua.

Com base nos argumentos apresentados ao longo do presente artigo, é necessário destacar que o contexto educacional superior privado tem sido pouco explorado em pesquisas acadêmicas no que diz respeito ao ensino de latim nos cursos de Letras. Os dados encontrados a partir dessa pesquisa são muito interessantes sobretudo quando os comparamos com a realidade das Universidades públicas, em que a procura pelo ensino de latim, como dissemos na Introdução, é bem grande. O que acontece nos cursos de Letras das Universidades públicas parece algo contraditório em relação aquilo que acontece nos cursos das Instituições privadas, tendo em vista que, nesses lugares, a demanda e carga horária para o ensino de latim vêm sendo reduzidas crescentemente.



## Referências Bibliográficas:

- CALDAS AULETE, F.J. (1948). *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 1v. nº 3. Lisboa: Ed. A.M. Pereira.
- FARIA, E. (1959). *Introdução à didática do Latim*. Acadêmica, RJ.
- FORTES, F. (2008) “A “língua” e os textos: gramática e tradição no ensino de latim”. *Instrumento: Revista de Estudos e Pesquisas em Educação*, v. 12, n. 1, p. 63-70.
- \_\_\_\_\_.(2009). “Por que o latim? Apontamentos para uma pedagogia de língua latina na universidade”. Comunicação individual apresentada no XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Natal: UFRN/SBEC.
- MIOTTI, C. M..(2006) *Ensino do latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método Reading Latin: um estudo de caso*. 2006. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAIVA, V.L.M.O. (2005). “O Novo Perfil dos Cursos de Licenciatura em Letras”. TOMICH, et (Orgs.). *A interculturalidade no ensino de inglês*. Florianópolis: UFSC, p.345-363. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/perfil.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2010.
- SILVA, S. M. da. (2006). *Diretrizes Curriculares Nacionais e a Formação de Professores: flexibilização e autonomia*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- VALCARCEL, V. (1995) *Didáctica del Latin: actualización científico-pedagógica*. Madrid: Ediciones Clásicas.
- VIAIRO, M. E. (1999). “A importância do latim na atualidade”. *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v.1, n. 1, p. 7-12.

## Sites Consultados:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12991](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991)>  
<[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm)>  
<<http://biblioteca.uol.com.br>>